

ESPORTES

correio braziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

Escrita

Messi fez cinco gols contra o Brasil, mas todos em amistosos. À vera, ele enfrentou a Seleção na Copa América de 2007 e perdeu o título por 3 x 0. Em 2008, empate por 0 x 0 e triunfo verde-amarelo em Rosário por 3 x 1, na terra natal do astro. Em 2016, o Brasil venceu por 3 x 0 no qualificatório para a Copa de 2018. Di María marcou o gol do título albiceleste na Copa América de 2021, no Maracanã. Nos últimos dois encontros, houve 0 x 0 em San Juan e vitória argentina no Maracanã por 1 x 0 com gol de Otamendi.

FUTEBOL Antes de Messi e Depois de Messi: a convite do **Correio**, jornalista argentino descreve o sentimento dos súditos com o adeus do ídolo à seleção. Post nas redes sociais encerra a era marcada pela conquista do tricampeonato mundial

O rei sol se põe



SEBASTIÁN ROGGERO*
ESPECIAL PARA O **CORREIO**

Lionel Andrés Messi se retira da seleção argentina e, com ele, termina uma maneira de olhar para o futebol. Algum dia alguém perguntará como era vê-lo jogar ao vivo, como era esperar que recebesse a bola, como podia ser que um homem “tão pequeno” fizesse coisas “tão enormes”.

Permanecerão seus gols, seus títulos, seus recordes. Mas não ter sido contemporâneo de Messi será uma marca. Porque o mundo se dividirá entre aqueles que viram Messi jogar e aqueles que não viram. Assim de exagerado. Assim de verdadeiro. Messi não foi apenas um futebolista extraordinário. Foi uma experiência geracional. Uma dessas pessoas capazes de atravessar 20 anos de

história sem pedir licença, instalando-se no cotidiano de milhões até se tornar parte da vida cotidiana.

O Messi de 17 anos falava pouco, parecia ainda jovem demais para um cenário daquele tamanho e só queria jogar pela Argentina. Depois, ele cresceu. Depois, as pessoas cresceram com ele. E viram como ele construiu etapas.

De promessa a astro, de astro a capitão, de capitão a campeão do mundo. Viram-no perder finais, receber críticas, chorar, voltar, insistir, vencer. Viram-no carregar uma camisa que durante anos pareceu pesar toneladas para, finalmente, transformá-la em uma das imagens mais felizes da história: a da Copa do Mundo de 2022.

Então, sua aposentadoria não pode ser medida apenas em partidas. Aposenta-se tudo aquilo que Messi significa.

Com esse peso, Messi escreveu uma carta de próprio punho e tirou uma foto para publicá-la no feed de sua conta no Instagram.

Tudo dito. O que se viu com Messi não se vê com frequência: como uma pessoa podia mudar com o tempo sem deixar de ser ela mesma.

E, talvez, esse tenha sido o dom que mais encantou. Messi foi a Argentina. Messi foi a bandeira da Argentina. As argentinas e os argentinos eram queridos por Messi. Isso é aura. Aura de verdade, não a das redes sociais. A aura “tangível”. É que Messi não pertence apenas ao futebol argentino. Pertence à lenda argentina.

Está nas camisas guardadas. Nas fotos das Copas do Mundo. Nas comemorações. Nos xingamentos depois de uma final perdida. Como a última, contra a Espanha. Embora

a história coloque acima de tudo a lembrança do Catar. Daquele Messi no Lusail beijando a taça. Essa é a foto de todas as fotos. Messi e a taça são Messi e Argentina. Para sempre.

Virão outros jogadores. Virão outros capitães. Virão outras Copas do Mundo. Alguém vestirá a 10. Alguém fará gols. Alguém será escolhido como o novo grande jogador argentino. Mas ninguém poderá repetir algo que Messi já fez.

A Argentina continuará tendo camisa. Continuará tendo hino, bandeira, torneios, eliminatórias e jogadores capazes de emocionar. Continuará existindo tudo aquilo que existia antes de Messi. Mas aquela certeza já não existirá. Porque Messi foi uma dessas coisas que pareciam eternas simplesmente porque duraram tempo demais. Ele será uma dessas

fronteiras que permitem explicar uma época: antes de Messi; depois de Messi.

É a “cultura Messi”, aquela que modificou a relação com a seleção. Ensinou a esperar. A insistir. A perder sem abandonar. Há jogadores que conquistam títulos e jogadores que se tornam uma medida do tempo. Messi está nesses dois universos. Por isso dói.

Termina a era de Messi. Começa a da Argentina sem ele. Os ídolos não são eternos. O que deixam, sim. Messi se aposenta da seleção. E ao mundo resta aquilo que o tempo não poderá tirar dele: as memórias de Messi.

* **Editor adjunto da editoria de Esportes do diário La Voz del interior de Córdoba, Argentina. Cobriu as Copas de 2022 e 2026**

A carta de despedida

Depois desse tempo que passou desde a final, e de muito pensar, quero comunicar a todos que estou me aposentando da Seleção...

Foi uma decisão que doeu e dói na alma, mas entendo que chegou o momento. Juro que sempre dei tudo de mim, não apenas nos últimos anos, quando ganhamos tudo, mas também antes disso. Sempre lutei e me entreguei totalmente por esta camisa, para lhes dar alegrias e fazer com que se sentissem orgulhosos de ser argentinos através do futebol.

O tempo passa, ciclos se encerram, e este é um que me dói muito. Amo, amei e sempre amarei estar na Seleção. Dei tudo o que tinha, não resta mais nada para oferecer e, além disso, vêm aí grandes jogadores que merecem estar aqui.

Obrigado por todo o carinho nestes 20 anos. Vou sentir muita falta de ouvi-los lá de dentro de campo. Agora serei apenas mais um de vocês, torcendo e apoiando sempre aqui de fora (nos bons e nos maus momentos — e nestes últimos, ainda mais).

Obrigado à minha família por estar sempre presente, por me acompanhar nesta jornada tão linda, porém difícil. Obrigado a cada um dos treinadores, companheiros e dirigentes com quem convivi. Levo comigo lembranças e momentos inesquecíveis.

Saio com a tranquilidade e o orgulho de ter proporcionado a vocês, junto com meus companheiros, momentos com os quais sonhávamos. Foi uma loucura ter vivido isso com vocês. Amo vocês!

Obrigado, Deus, por me fazer argentino. Vamos, Argentina!

**Escrevi estas palavras em 21 de julho, dois dias depois da final. Hoje, depois do que aconteceu com meu pai, estou ainda mais convencido disso.*

LIONEL MESSI

A Pulga em números

207 jogos
125 gols
68 assistências
Títulos
Copa do Mundo (2022)
Copa América (2021 e 2024)
Finalíssima (2022)
Ouro em Pequim-2008
Mundial Sub-20 (2005)
21 gols em 6 Copas do Mundo

Linha do tempo

LIONEL MESSI: 22 ANOS DE ARGENTINA

2004 — Estreia pela seleção sub-20 contra o Paraguai, em amistoso organizado por Julio Grondona para impedir que a Espanha naturalize o jovem talento argentino.

2005 — Conquista o Mundial Sub-20, na Holanda, como artilheiro e melhor jogador. A Argentina apresenta oficialmente ao mundo o fenômeno formado nas categorias de base.

2005 — Estreia pela seleção principal contra a Hungria, entra no segundo tempo e é expulso pouco depois. O

primeiro capítulo começa de maneira turbulenta.

2006 — Disputa a primeira Copa do Mundo, na Alemanha, torna-se o mais jovem argentino no torneio e marca na goleada sobre Sérvia e Montenegro.

2007 — Assume protagonismo na Copa América da Venezuela, marca um gol antológico contra o México e termina o torneio entre os destaques da Argentina.

2008 — Conquista a medalha de ouro olímpica em Pequim. Ao lado de Riquelme e Agüero, ajuda

a Argentina a subir novamente ao lugar mais alto.

2010 — Chega à Copa da África do Sul como melhor jogador do mundo, mas termina sem marcar. A Argentina cai nas quartas de final.

2011 — Disputa a Copa América em casa sob enorme pressão. A Argentina cai nas quartas de final, e a relação com a torcida piora.

2014 — Conduz a Argentina à final da Copa no Brasil, marca quatro gols e recebe a Bola de Ouro. A Alemanha vence a decisão.

2015 — Chega à final da Copa América no Chile e perde nos pênaltis para os anfitriões. A Argentina acrescenta outra frustração à coleção.

2016 — Perde outra final da Copa América para o Chile, novamente nos pênaltis, e anuncia a aposentadoria. A despedida, porém, dura pouco.

2018 — Retorna à Copa do Mundo, na Rússia, mas a Argentina cai nas oitavas de final diante da França. O sonho permanece distante.

2019 — Termina a Copa América no Brasil em terceiro lugar e é expulso contra o Chile. A geração ainda procura respostas para tantas derrotas.

2021 — Conquista finalmente um título com a seleção principal. No Maracanã, a Argentina vence o Brasil e encerra uma espera de 28 anos.

2022 — Realiza o sonho máximo no Catar. A Argentina vence a França nos pênaltis, e ergue a Copa do Mundo como capitão da equipe.

2024 — Conduz a Argentina ao bicampeonato da Copa América, nos Estados Unidos. A seleção consolida uma geração vencedora e amplia uma era histórica.

2026 — Disputa a sexta Copa do Mundo e leva a Argentina novamente à final. Diante da Espanha, encerra em campo uma trajetória inesquecível.

2026 — Confirma, oficialmente, o adeus à seleção aos 39 anos, encerrando o ciclo com 207 jogos, 125 gols e uma coleção histórica.